



DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FELIPE PEREIRA DA SILVA

## **O PROFESSOR LEITOR E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES**

GUARABIRA – PB  
2012

FELIPE PEREIRA DA SILVA

## **O PROFESSOR LEITOR E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. João Paulo Fernandes

GUARABIRA - PB  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S586o

Silva, Felipe Pereira da

O professor leitor e a formação de novos leitores / Felipe  
Pereira da Silva. – Guarabira: UEPB, 2012.

25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. João Paulo Fernandes”.

1. Formação de Leitores 2. Leitura 3. Professor  
I. Título.

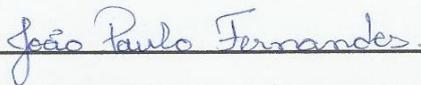
22.ed. CDD 372.41

FELIPE PEREIRA DA SILVA

## O PROFESSOR LEITOR E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em 20 de junho de 2012



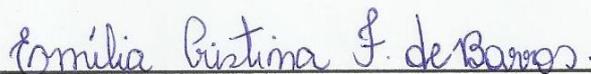
---

Prof. Ms João Paulo Fernandes - UEPB  
Orientador



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Neres - UEPB  
Examinadora



---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Emília Cristina Ferreira de Barros - UEPB  
Examinadora

# O PROFESSOR LEITOR E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

SILVA, Felipe Pereira<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a influência da mediação do professor no processo de formação de leitores no Ensino Fundamental, mais especificamente, trata da influência que a prática pedagógica do professor, no trabalho com a leitura, exerce sobre a formação do gosto e hábito de leitura dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. A teoria que alicerça esta pesquisa considera a leitura como fonte de aprendizagem, que conduz à obtenção de conhecimento, a exemplo de Freire (2005), Koch (2007), Kleiman (2007) entre outros. O trabalho foi baseado nos resultados obtidos com o desenvolvimento de um projeto didático intitulado "Ler é bom: Experimente!", realizado com uma turma de 4º ano no Centro Educacional Epaminondas Torres de Aquino, no município de Mulungu/PB. A partir dessa experiência, verificamos que os resultados nela obtidos sejam significativos para comprovar que a postura do professor leitor e sua prática pedagógica são fortes aliadas no processo de desenvolvimento e formação da habilidade de leitura dos educandos, além de contribuir no processo de inserção social do indivíduo.

Palavras-chave: Leitura. Professor. Escola. Formação de leitores.

## ABSTRACT

The present work proposes a reflection on the influence of the teacher's mediation in the process of formation of readers in elementary school, more specifically, deals with the influence that the teacher's pedagogical practice, in the work with reading, exerts on the formation of taste and habit reading of the students in early grades of elementary school. The theory that supports this research considers reading as a source of learning, which leads to obtain knowledge, for example: Freire (2005), Koch (2007), Kleiman (2007) etc. The work was based on the results obtained from the development with a didactic project called "Reading is good: Try it!", carried out with a group of 4th grade in Epaminondas Torres de Aquino education center in town of Mulungu - PB. From this experience, we found that the results obtained is significant to prove that the position of reader teacher and his/her pedagogical practice are strong allied in the process of development and formation of reading skill of students, besides contributing in the process of social inclusion of individual.

Key words: Reading. Teacher. School. Formation of Readers

---

<sup>1</sup> Formando em Pedagogia no período 2012.1, sob orientação do Prof. Ms. João Paulo Fernandes.  
e-mail: scj.felipe@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

É comum no campo educacional ouvirmos comentários acerca da dificuldade na leitura de muitos alunos. Professores se queixam à direção e à coordenação das escolas que seus alunos “não conseguem ler”, “não compreendem a leitura proposta”, e “não são capazes de localizar uma informação por mínima que seja num texto, segundo eles, pequeno”.

No entanto, esses professores esquecem-se de que a leitura não se restringe apenas à educação, mas é um tema político, social e histórico, que está intrinsecamente ligado à inserção do indivíduo na sociedade. Sociedade esta que confere a quem domina a habilidade de ler um status diferenciado no meio letrado, em que quanto mais o indivíduo se envolve, isto é, se aprofunda nesse meio mais eleva seu status, ao ponto que vai se diferenciando dos demais membros do meio que não dominam o ato de ou a arte da leitura.

Portanto, saber ler na atual conjuntura não distingue tão somente indivíduos letrados, isto é, alfabetizados de iletrados ou analfabetos, mas torna-se um ingresso ou uma senha que permite a esse indivíduo a entrada no celetista mundo da escrita, no qual está inserida a sociedade “grafocêntrica” em que estamos mergulhados, que se constitui hoje, ocupando lugar privilegiado do conhecimento.

O ato de ler valoriza as pessoas? Leitura e escrita são exigências fundamentais no mercado de trabalho. Para comprovar isso basta observar os anúncios de empregos veiculados pela mídia. “Em geral, exige-se certo nível de escolaridade e, as vezes, chega-se a exigir ‘competência na leitura’ e ‘essencial fluência verbal com habilidade para tomar notas de recados”.

Além disso, leitura é uma prática de comunicação antiga e, ao mesmo tempo moderna e atual. Quem nunca se alegrou com o recebimento de uma carta, que trouxe notícias de um ente querido e se emocionou ao lê-la? Ou nunca se identificou com determinado personagem de uma obra que leu, semelhante a personagem Hanna do filme “*O Leitor*”?<sup>1</sup>

Ao ler um texto nos comunicamos com o autor que o escreveu. Quando escrevemos, com quem vai ler nosso texto. Em “*O Leitor*” vemos o quanto Hanna viaja com as narrativas de Michael, e como se emociona ao ouvir a descrição das cenas e das falas das personagens. É como que se comunicasse com o texto e, por meio deste, vivesse a história ouvida. Em ambos os casos, houve uma situação

comunicativa. Comunicamo-nos por meio da leitura, porque ela é uma das muitas formas de manifestação da linguagem humana.

O domínio das práticas de leitura é, de acordo com dados obtidos em estudos recentes, a grande e grave deficiência do ensino no Brasil. Essa deficiência se reflete nos altos índices de fracasso e evasão escolar (PCN, 1998; MEC, 2007). Inúmeras são as crianças que egressam no Ensino Fundamental sem saber ler e interpretar um texto proficientemente. Portanto, não fazem uso efetivo da leitura nas práticas sociais, assim sendo, podemos afirmar que o domínio de tal habilidade, mesmo que de maneira pouco proficiente, é condição primordial para a inclusão social na sociedade capitalista e globalizada em que vivemos.

Nessa perspectiva, Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa afirmam que:

O domínio da linguagem como atividade discursiva e cognitiva e o domínio da língua como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidades de plena participação social (PCN, 1998, p. 19)

O mesmo documento coloca no centro da discussão sobre a melhoria na qualidade do ensino e como requisito principal o aprendizado e domínio da leitura. O que nos leva a entender que o indivíduo não letrado, ou simplesmente não alfabetizado, é deixado à margem da sociedade, ou seja, é marginalizado, tornando-se alguém que não tem acesso aos bens culturais, bens esses, que lhes asseguram a inclusão e participação na sociedade, a dignidade e a auto-realização, tomando mais uma vez o exemplo da personagem Hanna de “*O Leitor*”<sup>2</sup> que preferiu ser condenada por um crime que não havia cometido sozinha, pelo simples fato de se envergonhar de assumir que era analfabeta (iletrada), isto é, não sabia ler.

Mas, o que é realmente considerado leitura? Qual a influência do professor na formação desse hábito no aluno?

Este trabalho tem como objetivo maior, analisar a influência do professor na formação do hábito de leitura nos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Tendo como objetivos específicos: discutir as concepções de leitura presentes nas práticas de professores de Língua Portuguesa; investigar a postura do professor, enquanto leitor, e sua influência na formação de alunos leitores; refletir sobre a

2 Filme inspirado no romance de Bernhard Schlink que tem o mesmo nome, teve 5 indicações ao OSCAR 2009 - melhor roteiro adaptado, melhor fotografia, melhor diretor, melhor filme e melhor atriz, onde Kate Winslet por seu excelente trabalho acabou ganhando o prêmio. O filme conta a história da paixão de Hanna (Kate Winslet) e Michel (David Kross). Ela mais velha do que ele e analfabeta. Ele um adolescente (estudante) em crise com a família que descobre nela a auto estima que os parentes não lhe oferece. O longa começa na Alemanha, ainda no período pós-guerra tentando se reconstruir. As polêmicas, o ambiente criado e a excelente atuação de Kate Winslett são marcas importantes desse drama americano dirigido por Stephen Daldry.

influência do trabalho com a literatura no despertar do interesse pela leitura dos alunos do Ensino Fundamental.

Para a efetivação desses objetivos, tomamos como sujeitos desse processo de pesquisa, os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, do Centro Educacional Epaminondas Torres de Aquino, no ano de 2010, que participaram do desenvolvimento de um projeto didático pedagógico desenvolvido pelo pesquisador e então professor titular da turma, intitulado “Ler é bom: Experimente!”.

Para obtenção de dados foi utilizada uma metodologia de pesquisa-ação, em uma turma composta por 28 alunos regularmente matriculados no 4º ano daquele estabelecimento de ensino, em que os mesmos participaram de oficinas de leitura e interpretação de textos dos mais variados gêneros que faziam parte do projeto supracitado. O referido projeto constou de inúmeras atividades realizadas em sala de aula e por extensão fora dela, em que o resultado da pesquisa encontra-se em relato no quarto tópico deste trabalho.

Partimos do pressuposto de que o professor que cultiva o hábito da leitura e o demonstra a seus alunos tem maiores possibilidades de formar nos mesmos esse hábito e prática, a fim de desenvolver as ideias que norteiam este trabalho, o texto será apresentado na seguinte ordem:

Na primeira sessão, descrevemos acerca da função e das concepções de leitura, partindo de um breve histórico e apresentando as principais concepções para o tema através de reflexões teóricas de autores e estudiosos na área, a exemplo de Koch (2007), Freire (2005), Martins (2003), Kleiman (2007), entre outros.

Na parte seguinte, versamos sobre a escola e seu papel na formação de leitores, bem como sobre o espaço ocupado pela leitura na escola.

Já no terceiro tópico, discorreremos sobre o professor e sua prática de leitura e a influência deste na formação do hábito de ler nos seus alunos.

Em seguida, apresentamos nossa experiência por meio de um relato da prática desenvolvida durante o desenvolvimento do projeto “Ler é bom: Experimente!”, e os resultados do mesmo na vida das crianças do 4º ano do Ensino Fundamental no CEEFETA, em Mulungu-PB.

Por fim, foram feitas as considerações finais, retomando pontos que se mostraram relevantes, além dos referências listados como suporte teórico de pesquisa.

## 2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A LEITURA

### 2.1 Breve história da leitura

Vivemos em uma sociedade competitiva e, por excelência excludente, em que “valem”, isto é, somos reconhecidos pelo que sabemos (CARNEIRO, 2003). E nesse contexto, consideramos a leitura uma forma de ascensão social (ou pelo menos de oportunidade de ascensão), para as camadas menos favorecidas, por meio do que podemos chamar de enriquecimento cultural, conforme afirma Carneiro (2003 p. 2):

Afinal, é pela leitura que o homem apreende grande (na verdade, a maior) parte do seu conhecimento, do instrumental educacional, dos valores, do “conhecimento útil” para o mundo do trabalho, da sua forma de se comunicar e socializa-se.

É a leitura, portanto, uma ferramenta para que o homem sobreviva na sociedade moderna, uma vez que lhe permite adquirir conhecimento e se destacar entre os demais. A leitura nos permite o acesso às novas ideias e a aquisição de novos conhecimentos essenciais ao desenvolvimento humano.

Na Antiguidade, o ato de ler era restrito apenas algumas pessoas da sociedade, os mais ricos, por exemplo, uma vez que eram poucos os textos publicados e disponíveis. E era a escola o único local em que as pessoas tinham acesso à leitura (MANGUEL, 2007; FISHER, 2006).

Houve ainda uma época em que a leitura era praticada em voz alta em saraus, botecos (bares) como meio de propagação da obra (poética) de alguns intelectuais, mas mesmo assim, o acesso à mesma era um privilégio de poucos. Há registro de diferentes práticas desse tipo de leitura, em diferentes épocas (MANGUEL, 1997; FISHER, 2006). Coube aos mosteiros a iniciação à prática de leitura silenciosa. Essa prática tinha, segundo Fisher (2006), o intuito de não incomodar os monges que repousavam.

No entanto, exercida dessa forma, a leitura inibia os sentimentos, os gestos e expressões que eram ativados na prática de leitura em voz alta. A leitura silenciosa passou então a ser vista como algo restrito ou típico da vida em comunidade, típica

dos mosteiros. Tornou-se uma prática difundida entre os monges na Idade Média, que lhe atribuíam o “poder” de favorecer o lado espiritual, talvez pelo fato de permitir. Conforme afirma Lajolo (2006), que viajemos e tenhamos contato com outros ambientes enquanto lemos. Para os religiosos medievais, a leitura era também uma forma de penitência ou em substituição a certas atividades cotidianas como sono, a alimentação ou algumas práticas a eles proibidas como o ato sexual.

Enquanto isso surgia, no mundo exterior aos mosteiros, outra forma de leitura, que estava associada mais ao entretenimento, à diversão, como meio de passar o tempo, talvez nesse momento tenha surgido um novo gênero literário, o romance (FISHER, 2006, 55).

Essa modalidade de leitura era tida como uma transgressão à antiga prática, uma vez que era uma oposição à leitura disciplinar e metódica dos mosteiros. Essa leitura associada ao desejo, liberdade e emoções é o que Geraldini (2008) denomina hoje de leitura por prazer.

A partir daí, ganha espaço entre os, então, leitores, a leitura do imaginário humano, isto é, as obras de ficção, como os romances, tragédias, epopéias, peças teatrais. Era uma leitura que permitia certa fuga à realidade, estabelecendo interação entre o leitor (indivíduo que lê) e os textos (objeto lido). O leitor se apossa do texto e passa a fazer parte dele, a vivê-lo em conjunto com as personagens que constituem.

Com o avanço da humanidade e o advento da era tecnológica (da informação), surgem os chamados textos científicos, com o objetivo de difundir os conhecimentos e expandi-los ao conhecimento de todos. Dessa forma, esta seria uma propriedade comum, excluía-se assim o sentimento de posse, não havia mais a interação entre leitor/texto, uma vez que o publicado era uma verdade absoluta (FISHER, 2006). Cabia ao leitor, tão somente “compreender” o texto lido. Pode-se afirmar então, que a leitura, nesse momento, passou a ser considerada uma prática limitada de produção de sentidos.

Sartre (1997, *apud* CARNEIRO, 2003), defende que a partir de então se passou a estimular o binômio leitura e escrita, uma vez que considera-se que a conexão entre eles inclui dois agentes: o texto e a leitura deste, um completando o outro, por outro lado, percebemos que o leitor nessa perspectiva, é apenas instrumento, isto é, um ser passivo no processo.

A leitura então passa a ser vista como meio de aprendizagem, no entanto, com o objetivo de proporcionar a assimilação do texto. Essa prática prevaleceu por muito tempo no âmbito escolar e, infelizmente, ainda é praticada.

A leitura sempre esteve presente na história da humanidade, seja na sua história, seja esta praticada como meio de prazer, para o aprendizado ou por obrigação na busca de conhecimento ou informações. Na atualidade, percebemos que ela se faz mais que necessária, uma vez que todas as interações sociais giram em torno de uma língua “escrita” que por sua vez precisa ser lida, decifrada.

Vivemos em plena era da informação, e inúmeras são as formas e possibilidades de material para leitura: jornais, livros, internet, revistas, folhetos, panfletos. Por todos os lados temos algo para ler.

E por que não se lê? Por que dados estatísticos apontam uma crise de leitura em nosso país? Por que alunos chegam ao 5º ano do Ensino Fundamental sem saber ler e/ou interpretar um texto?

Tantas queixas de professores e resultados apontam, que devemos olhar com mais atenção para a formação dos nossos jovens. Será que estamos formando leitores?

## 2.2 Concepções de leitura

*Está na leitura o alicerce para uma sociedade letrada. (MANGUEL, 1997 p. 27).*

Geralmente quando falamos em leitura, a primeira concepção que nos vem à mente é a ideia da leitura de livros, jornais, revistas ou qualquer outro material impresso, isso porque estamos presos ao conceito de leitura como decodificação/decifração de códigos e sinais gráficos da escrita. Tal ideia deve-se à relação que nos foi imposta pela tradição escolar que talvez tenha encontrado na raiz etimológica do verbo “ler” bases para o conceito.

Etimologicamente, LER deriva do latim “**lego/legere**” que significa: apanhar, recolher, escolher, captar com os olhos (LUIS, 2009 p. 93), nos remetendo a um conceito de leitura como decodificação da palavra escrita. No entanto, o ato de ler

vai muito além da pura decodificação de sinais gráficos e envolve inúmeras habilidades. Ao ato de ler, acrescentamos muito de nós mesmos e das nossas experiências, como afirma Lajolo (2002, p. 54):

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. É a partir do texto ser capaz de atribuir-lhe significados, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista.

Em outras palavras, ler não é adivinhar e nem decifrar significados, e sim, atribuir significados ao que lemos. Encontramos na definição de Lajolo (2002), uma relação com o conceito proposto por Koch (2007) de “leitura como atividade de produção de sentido”, e Kleiman (2007) que a define como uma atividade de “procura” por parte do leitor.

Por tradição, o ato de ler está relacionado à escrita e o leitor, à decodificação das letras (MARTINS, 2003 p. 7), no entanto, não é simplesmente no ato de decodificar e decifrar palavras que se efetiva a leitura. A leitura acontece quando faz sentido para o leitor, ou seja, quando esta chega à compreensão. Para tanto, é necessário que ao ato mecânico de decifrar sinais se liguem às nossas experiências individuais vivenciadas ou adquiridas nas relações sociais, como afirma Freire (1982, p. 11) “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquele”.

Por isso, só lemos o que nos interessa ou nos atrai. A leitura é um ato de descoberta e, a esse ato, está relacionada nossa vida e tudo o que nos cerca.

Manguel (1997), considera o aprendizado da leitura como a aquisição de um novo sentido. Não há apenas escrita, acabada e inerte, mas muitas leituras e muitas formas de leitura e isso exige um certo esforço por parte do leitor, sujeito da ação de ler, conforme definem os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor de tudo o que se sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, se as quais não é possível proficiência. É o uso desse procedimento que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN, 1998, p. 69-70).

A leitura não é um ato de mera decifração de sinais gráficos. Ler é também para Kleiman (2007, p. 49), “um ato individual de construção de significados num contexto que se configura mediante um processo de interação entre o autor”, embora esse mesmo ato envolva capacidade de decifração do código escrito.

A leitura é uma prática social que acontece num processo de interação entre o autor e o leitor, e é nesse processo interativo que ativamos nossas experiências relacionando-as com o que lemos. O ato de ler ultrapassa as margens do texto escrito e não se resume a sua decifração.

Como afirma Freire (1982), também podemos ler o mundo e isto implica a leitura de gestos, expressões do rosto, sons, de um olhar, de uma pintura e de todas as nossas experiências.

### **3 A LEITURA E A ESCOLA**

Estamos discutindo desde o início deste trabalho, que durante o decorrer da história humana, o homem foi desenvolvendo de forma natural e gradual o desejo pela comunicação. Com o surgimento da era tecnológica, veio também a complexidade da estrutura da vida humana, o ato de comunicar passou não só a ser um caminho natural do desenvolvimento humano, mas também uma necessidade. Esse movimento resultou no advento da escrita, pois a linguagem oral não mais satisfazia as solicitações da sociedade em busca da informação, do conhecimento.

Pode-se dizer que, nos dias de hoje, não há comunicação sem leitura, pois a forma escrita passou a ser o meio mais importante de obtenção de informações e conhecimentos, alcançando um maior número de pessoas, muito mais do que quando foi inventada, pois além dos livros, jornais, revistas e outros impressos, existem hoje, divulgações de materiais escritos por meio eletrônico, sendo o mais responsável a rede mundial de computadores, a internet.

Entendendo a leitura como uma habilidade que tem função social e tendo a escola o papel de desenvolvê-la em seu nascimento durante a formação do indivíduo, é necessário que se estabeleça a relação entre educação e o ato de ler de forma mais profunda. A escola, na concepção que se conhece, é tida como o espaço em que o indivíduo vai adquirir conhecimentos, sendo estes integrantes da cultura

que circula dentro da sociedade, lugar onde esta é formulada, seja como saberes populares, denominado como senso comum, e os saberes científicos, tendo em mente que esses dois ramos do saber dependem um do outro, isto é, possuem uma relação dialética. O que acontece na escola, sendo traduzido como o objetivo principal da mesma, é o ato de educar (cf. LIBÂNEO, 1994).

O ato de ler é iniciado na escola, a qual tem a função de desenvolver o estímulo à leitura, a busca pelo saber, oferecendo meios que venham a seduzir o aluno para um despertar do desejo de conhecer, que por sua vez, lhe proporcionará novos métodos no desenvolvimento intelectual e racional no cenário em que está inserido. De acordo com esse contexto, a escola tem por responsabilidade, propiciar aos alunos condições para que estes tenham acesso ao conhecimento. Nesse ciclo de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura, sem dúvida alguma, tem um lugar de grande destaque.

O acesso ao aprendizado da leitura apresenta-se como um dos múltiplos desafios da escola e, talvez, como o mais valorizado e exigido pela sociedade, e, torna-se, dessa forma, conforme afirma Maia (2008), a biblioteca escolar ou biblioteca de classe o ambiente mais propício para que ocorra a formação do leitor, onde o professor é o agente mediador desse processo.

Aprende-se a ler nas relações sociais e na interação com os sujeitos, conforme Martins e Silva (2010, p. 23) “Aprendemos a ler, de modo fluente, nas relações estabelecidas em sociedade e nas trocas e aprendizagens promovidas na escola”.

E quando nos referimos a aprender a ler, não estamos falando de aprender a decodificar ou decifrar códigos, mas ao hábito de ler. É a escola, por excelência, o ambiente de formação desse hábito, ou pelo menos deveria ser, uma vez que na realidade o que observamos é um distanciamento cada vez maior da escola com a formação de leitores autônomos.

A leitura proposta na escola é fragmentada. E muitas vezes com o propósito de responder a algum questionário, o que não vai despertar o interesse do aluno e tampouco suscitar no mesmo o desejo pra ler. A maioria das crianças tem suas primeiras experiências de leitura na escola. A prática de leitura, a metodologia desenvolvida pelo professor, o contato com os livros são peças fundamentais para a formação desse hábito. Que tipo de leitura tem sido proposta na escola?

De acordo com Martins e Silva (2010 p. 27), a leitura exercida na escola tem um ritmo próprio, controlado pelos programas de ensino e pelos desenhos curriculares, em outras palavras o próprio programa estabelecido pelas escolas sufoca o hábito de leitura.

Não há um tempo reservado para a mesma, senão a aula do professor. Esta por sua vez, já esta totalmente dividida em conteúdos, explicações e exercícios. Resta ao aluno ler os enunciados de questionários, fragmentos de textos no livro didático e resumos expostos pelo professor a ser copiado no caderno. Leitura de um livro, poema, um conto ou uma crônica para apreciação? A escola não reserva tempo para isso. Que tipo de leitores a escola tem formado então?

Pouco proficientes e mecânicos, incapazes de estabelecer relações entre diferentes textos ou encontrar informações no mesmo. Reflexos da prática mecanicista a que foram submetidos. Ler significa não só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber o significado da mensagem exposta no texto.

Na medida em que o indivíduo descobre o significado de um texto, ele se envolve em vários passos, isto é, faz referências, inferências, vê implicações, julga a veracidade de informações, faz comparações dos pontos de vista de determinados autores, aplica ideias adquiridas e resolve problemas integrando cada ideia com suas experiências de vida. Aprender a ler se apresenta então, como algo mágico de descoberta do novo, do desconhecido e do maravilhoso.

Lajolo (2002) afirma que “a atividade de leitura, que em sua origem era individual e reflexiva, transformou-se em consumo rápido de textos”. Leitura fragmentada para cidadãos fragmentados é o que podemos observar nas práticas escolares. Concordamos com Silva (1988) quando este afirma que recuperar o significado da leitura da palavra no âmbito escolar, retransformando as condições de sua realização, não é tarefa fácil, uma vez que isso envolve toda uma história de carências e dificuldades acumuladas e extremamente ligadas a aspectos políticos e pedagógicos de gestão.

A leitura para ser de fato efetivada na escola vai depender de certas condições, dentre as quais podemos citar a preparação do professor, a formação de acervos específicos e a melhoria na qualidade de ensino.

#### **4 O PROFESSOR LEITOR E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES**

O aprendizado da leitura, isto é, o ato de aprender a ler, com certeza é uma das maiores vivências e conquistas que o ser humano pode alcançar. Isso ele pode experimentar e usufruir no contexto inter e extra-escolar, uma vez que fará uso dela em todas as suas experiências sociais.

Tendo em vista essa realidade, podemos afirmar que a leitura é uma das maneiras que a escola dispõe para contribuir com a diminuição da injustiça social e a desigualdade de oportunidades que a sociedade capitalista oferece. Sendo a escola um espaço de formação de saberes e de expansão do conhecimento, cabe a ela alargar os limites e os horizontes para que seu “público”, no caso os alunos, tenham acesso aos bens culturais da humanidade por meio da leitura, e o professor, como instrumento nessa formação exerce um papel crucial nessa tarefa.

Leitura, competências leitoras e práticas de letramento são assuntos que tem ocupado espaço considerável, em congressos, debates e trabalhos científicos na educação nos últimos anos. A mídia e todos os seus meios de divulgação têm dado grande importância ao ato de ler e sua importância. O governo, por sua vez, tem investido em inúmeros programas para mobilização de escolas, professores, diretores e sociedade na tentativa de mudar o quadro de crise de leitura. No entanto, notamos que as instituições de ensino ainda encontram dificuldades em formar leitores autônomos que atuem tanto dentro como fora dela.

Inúmeros são os problemas que podemos detectar ao visitar algumas escolas com relação à prática de formação de leitores, desde estruturais quanto com relação à formação docente, sendo este um dos principais entraves para a efetivação de uma prática educativa de qualidade, especialmente quando nos referimos ao ensino da leitura e especificamente à formação de leitores, uma vez que é preciso reconhecer que embora todos os problemas com relação à estrutura fossem resolvidos, tais como construção de salas de leitura ou bibliotecas escolares, ampliação e renovação do acervo das que já possuem entre outras, seria indispensável a presença de professores leitores que sentissem e transmitissem o prazer na leitura para seus alunos. Professores que fossem bem informados e instrumentalizados para o exercício de tal prática.

É importante salientar que o ensino de leitura e, especificamente, a importância da literatura na formação pessoal do ser humano desde as séries iniciais conforme afirma a lei 10.639/03 que destaca a literatura como um dos

caminhos para a construção de conhecimentos sobre história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra e o negro na formação da sociedade brasileira e porque não dizer da formação integral do cidadão, encontram pouco espaço em programas de formação inicial e continuada dos professores.

Cagliari (2009) aponta a falha na formação dos professores como um dos fatores responsáveis pelo fracasso da escola em formar leitores. O fato de a escola em geral não saber fazer de seus alunos bons leitores traz consequências graves para o futuro destes, que terão dificuldades enormes em continuar na escola, onde a leitura se faz necessária a todo instante, e serão fortes candidatos à evasão escolar, conforme afirmação de Silva (2009, p. 52) "...assegurar o acesso dos estudantes a uma boa quantidade e diversidade de livros, por si só, não assegura o êxito na formação do leitor".

Para que o aluno se interesse pela leitura, faz-se necessário que ela esteja relacionada com algo que lhe chame a atenção. E para tanto, requer que o repertório de leitura do professor, agente mediador no processo de formação de leitores, seja vasto, permitindo que o mesmo tenha condições de apresentar sugestões sólidas e adequadas para seus alunos. Silva (2009) ainda afirma que,

Igualmente importante é garantir um tempo na escola para ler e, por consequência, fazer um investimento pessoal, silencioso, individual, contínuo e, também, coletivo na leitura. (...) Para que o interesse pela leitura ocorra, faz-se necessário apresentar os livros aos leitores em formação. Há que se investir na mediação da leitura. (idem, p. 52).

É preciso que o professor planeje a atividade de leitura. Promova um diálogo do aluno com a obra, de forma a permitir que este se atraia pela mesma. Para tanto, é necessário que o professor conheça a obra, isto é, que a tenha lido. Dessa forma, o professor transforma-se num agente colaborador, que leva o aluno ao enfrentamento, ou em outras palavras, à leitura da obra.

Incentivar à leitura, isto é, promover a formação do leitor requer também disposição para a pesquisa e o planejamento das atividades por parte do professor. A leitura assim passa a fazer parte da sequência didática da aula. É nesse contexto que a escola deve se configurar num ambiente de estímulo à leitura e em que ganha espaço o papel do professor leitor e estimulador da prática de leitura.

Ensinar a ler é papel e função da escola e do professor, sendo este também, agente de grande importância nesse processo, uma vez que está diariamente ligado aos alunos na interação e troca de experiências:

Aprender a ler não é uma atividade natural, para a qual a criança se capacita sozinha. Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante é o (a) professor (a) figura fundamental na história de cada um dos alunos. A leitura é ferramenta essencial para a prática de seu ofício, por isso precisa revelar-se um (a) leitor (a) dedicado (a) e uma forte referência para seus aprendizes. (MEC, 2007 p. 26).

Isso não quer dizer que o professor seja o centro de tudo, dono do saber e sujeito único da ação de transmitir conhecimentos para o aluno, ou que esses por sua vez são sujeitos passivos do processo de ensino. Mas, que cabe ao professor a responsabilidade de resgatar a importância da leitura em sua vida e na do aluno. Para que isso aconteça é preciso que o professor demonstre gosto pela leitura e satisfação ao praticá-la, pois assim, estará compartilhando com a criança, o adolescente ou jovem seus próprios hábitos de leitura, conforme afirma o documento do MEC (2007 p. 26):

Cabe ao professor o papel de desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir de sua aproximação significativa com os livros. Não há receitas a seguir: cada professor com sua história de leitura e as necessidades de seus alunos, tem condições de avaliar melhor o caminho a ser desbravado. No entanto, para que haja êxito na formação do leitor, precisamos efetivar uma leitura estimulante reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor.

Percebemos, assim, o quão importante e necessário se faz, que o professor se demonstre visivelmente como um bom leitor, e que estimule, em seus alunos, o desenvolvimento desse sentimento.

No contexto atual, onde a sociedade do conhecimento exige, a cada dia, um nível mais elevado de letramento, isto é, de domínio efetivo da prática de leitura, a conscientização do professor e sua realização com a leitura faz-se extremamente necessária.

Em síntese, podemos afirmar que a formação de alunos leitores, depende essencialmente da relação do professor (a) com essa prática. Relação esta que deve ser íntima, visível, e compartilhada com os alunos. É na vivência de

experiências e na interação com o professor que os alunos poderão desenvolver esse hábito e essa prática.

## **4.1 O PROFESSOR LEITOR E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES**

### **4.1.1 O Relato de uma experiência**

Desde 2010, quando assumi a vaga de professor do Ensino Fundamental I, no município de Mulungu-PB, onde em primeiro momento me tornei titular de uma turma do 4º ano, percebi a necessidade de voltar meu olhar para as práticas de leitura das crianças e adolescentes daquela cidade.

Ao propor a leitura de um texto, podia sentir a dificuldade que as crianças tinham para interpretá-lo, por mais simples que fossem as questões propostas, eles não conseguiam localizar as informações que lhes concediam as respostas, ou seja, não compreendiam, não entendiam o texto.

Em conversas com os colegas de trabalho nos intervalos, constatei que esse não era um problema apenas da minha turma, mas atingia a todas as turmas praticamente.

Como o tema leitura já fazia parte do meu interesse de pesquisa, sendo objeto de estudo em artigos que publiquei e do trabalho de conclusão do curso de Letras na UEPB, me debrucei sobre o fato e, procurei encontrar uma solução para o problema que tinha pela frente.

Como despertar o interesse daquelas crianças pela leitura? O que fazer para estimulá-las a ler? O que impedia a compreensão dos textos que eram propostos, por parte dos educandos? Essas inquietações me seguiam e passaram a fazer parte do meu cotidiano enquanto educador e do meu planejamento diário. Dessa forma, nasceu a ideia de elaboração de um projeto com o objetivo de resolver tal problemática.

Como todo projeto, geralmente, nasce da interação professor aluno na sala de aula, passei a tornar a leitura parte da sequência didática diária da turma. Todos os dias, após a acolhida e a oração inicial, tínhamos um momento de reflexão a partir de um texto, quer fosse esse um conto, uma crônica, um poema ou um texto reflexivo.

De início, os textos eram selecionados por mim e os comentários também ficavam restritos às minhas observações, dada a timidez e resistência da turma em comentá-los. Com o tempo solicitei que os alunos indicassem textos para nossa reflexão e depois eles mesmos traziam um texto de casa para ser partilhado na classe.

Nascia assim, o momento literário da turma do 4º ano B, do Centro Educacional Epaminondas Torres de Aquino. A partir dessa iniciativa surgiu o desejo na turma de expor os textos que líamos e refletíamos para outros colegas, dos outros turnos. Em coletivo decidimos criar um mural de textos que ficaria exposto na sala. Já podia perceber certa mudança no tratamento para com a leitura que antes era rejeitada e agora passava a ser desejada e compartilhada. O mural foi batizado de cantinho da leitura, uma vez que junto a ele, resolvi expor também um cesto com diversos exemplares de livros de literatura infanto-juvenil, gibis, folhetos de cordel entre outros materiais para leitura.

Em uma de nossas reflexões, foi levada a turma um texto reflexivo de autoria desconhecida, cujo título era “A Lição da Borboleta” que causou grande euforia por parte dos ouvintes (alunos) com relação à interpretação. Uns se posicionavam a favor do homem que tentou ajudar a borboleta sair do casulo, outros contra alegando que o mesmo havia se adiantado, deveria ter esperado ela sair por si só, assim não teria morrido a pobrezinha.

No entanto, o que me chamou a atenção foi a colocação de um menino, já com seus 16 anos, bem atrasado nos estudos, repetente há quatro anos na mesma série, o mesmo afirmou que “o esforço da borboleta representava o esforço que fazíamos para compreender um texto”, e que o homem com a tesoura eram os professores que não sabiam, segundo ele, esperar o aluno entender e “davam logo a resposta”.

Essa reflexão me inquietou ainda mais, e me fez refletir sobre a nossa prática, enquanto educador e agentes do pensar, e me fez pensar no quanto estávamos errados em querer forçar algo muitas vezes que deve ser espontâneo, como a vontade de ler.

Sei que é dever e função da escola formar leitores. E que, eu, enquanto professor, sou o agentes de maior atuação nessa tarefa, como venho afirmando desde o início deste trabalho. Mas, por outro lado não havia atentado para a forma

como fazê-lo, já compreendia que, impondo nada conseguiria. Bastava agora saber como trilhar esse caminho.

Em 2010 foi também, o ano de lançamento das Olimpíadas de língua Portuguesa, e Mulungu aderiu à proposta. No entanto, o projeto atendia apenas a turmas a partir do 5º ano e a minha era um 4º. Mesmo assim, adquiri o material e passei a utilizá-lo em sala de aula, em forma de oficinas que eram realizadas nas sextas-feiras para não atrapalhar o “programa” que recebia da Secretaria de Educação.

Passei a levar os alunos à biblioteca pública municipal, que por sinal contava com um rico acervo, e a ministrar aulas naquele ambiente. As aulas na biblioteca eram diferentes, lá assistíamos filmes baseados em alguma obra, após a leitura da mesma, fazíamos roda de leitura e conversa em que cada um escolhia um livro para ler e, depois socializava um trecho que chamou a atenção. Nasceram assim, as oficinas de leitura que a própria turma batizou de “Oficinas Borboleta”.

Ao final do ano, percebendo o avanço da turma baseado em avaliações internas aplicadas pela própria Secretaria Municipal de Educação, a secretária me convidou a ficar como responsável pela biblioteca municipal, alegando ser um desejo particular da mesma, atrair o olhar da comunidade para aquele local em que imperava grande conhecimento. A secretaria me solicitou ainda o projeto por escrito e um plano de gestão do ambiente da biblioteca, em que constassem ações para incentivo à leitura por parte da comunidade escolar do município e extracurricular.

Assim nasceu o projeto *Ler é bom: Experimente!* Do qual fazem parte as oficinas de leitura com alunos do Ensino Fundamental, Médio, Pré-vestibulandos e professores do município de Mulungu-PB.

Com os alunos do Ensino Fundamental e Médio, trabalho de forma interativa a leitura de textos de diferentes gêneros, bem como a interpretação e compreensão desses textos, de uma forma bem lúdica que visa despertar o interesse dos mesmos para a leitura e ao mesmo tempo contribuir com a expressão oral e escrita.

Com os pré-vestibulandos, o trabalho além de ser voltado para a compreensão de textos, se volta também para a produção dos diversos gêneros textuais solicitados nos exames vestibulares, partindo do conhecimento da estrutura característica de cada um. E com os professores, realizamos a cada planejamento (bimestral) a discussão das diversas concepções de leitura e de metodologias de incentivo à formação do hábito de ler.

Todas as ações, bem como o projeto “Ler é bom: Experimente!” estão disponíveis no blog das oficinas <http://oficinaborboletas.blogspot.com>. Onde aceito sugestões, acréscimos, entre outros que integrem e possibilitem novos leitores, bem como suscitar questões acerca de troca de experiências entre outros grupos de professores, alunos e membros diversos da sociedade, a fim de consolidar a importância do ato de ler.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Grande parte dos estudos sobre leitura tem procurado explorar seu conceito e apontar alternativas para o desenvolvimento do hábito de leitura, enquanto poucas pesquisas examinam a influência do ensino e da postura do professor para o desenvolvimento desse hábito.

Vimos discutindo desde o início deste trabalho acerca da leitura, sua importância na vida do indivíduo e o papel da escola e do professor na formação de leitores autônomos e independentes. Apresentamos alguns conceitos e concepções de leitura de forma bastante resumida, uma vez que o tema é amplo e não era nosso interesse versar, unicamente, sobre os seus conceitos e concepções, mas procurar mostrar que para que a escola e, principalmente, o professor possam cumprir efetivamente o seu papel de formador de leitores é preciso tornar essa parte de sua sequência didática e não meramente trabalhá-la de forma descontextualizada e sem significação para a vida da criança.

É preciso despertá-la para o gosto, atrair sua atenção, e permitir que a mesma encontre nela um caminho para fazer sua viagem, por meio da criatividade presente em cada um. É preciso permitir que a criança ouça as diferentes vozes que falam no texto, e ciente de seu papel como leitor competente e autônomo, juntar-se a uma delas ou, como afirma Lajolo (2003) “rebelar-se contra ela e atribuir-lhe um significado novo, conforme sua vontade e criatividade”.

É isso ler de verdade, e é o que buscamos praticar no desenvolvimento do projeto que citamos anteriormente no decorrer deste trabalho e, é o conceito que carregamos atrelado à nossa prática enquanto professor consciente de seu papel e função na formação de leitores na escola e que não se resumem apenas a ela.

Não queremos, em momento algum, nos afirmar como melhor profissional ou nos engrandecer com tal atitude, mas despertar o interesse pelo tema nos demais

profissionais que nos cercam. E, a partir do que nos ocorreu, contribuir com a melhoria na qualidade do ensino e da aprendizagem dos nossos alunos e das nossas escolas públicas, muitas vezes tão esquecidas pelo poder público, mas que não cessam de semear esperança e sonhos no coração de crianças e adolescentes.

Com a mesma força que a *borboleta*, figurada no texto de reflexão, impulsionou nossa reflexão durante a realização do projeto em sala de aula, que não permitiu que a mesma desistisse de sua vontade natural de voar, cremos que é possível fazer a diferença! E alcançar nossos objetivos e metas, contribuindo assim com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Acreditamos que a leitura permeia o processo de desenvolvimento do senso crítico, isto é, da formação de opinião, potencializa as capacidades intelectuais uma vez que atua sobre a formação de capacidades cognitivas, sociais, culturais e discursivas do indivíduo, promovendo a emancipação do conhecimento a todos que a ela recorrem. Portanto, ler é obter conhecimento. Dominar o hábito de leitura é ter acesso às informações, à ciência e ao conhecimento acumulado por gerações.

Torna-se assim, essencial a valorização do hábito de leitura e imprescindível à adoção de posturas e metodologias que contribuam para a formação de leitores efetivos, eficientes e autônomos e, conseqüentemente, indivíduos conscientes e aptos a defender seus pontos de vista com eficiência e autonomia, expressando suas ideias, conceitos e opiniões com segurança, coesão e coerência dentro dos padrões exigidos pela sociedade. Fazendo assim, uso da leitura nas diversas práticas sociais em que se inserem.

Essa é uma consciência que deve ser iniciada na escola, espaço de construção do saber, por meio da revisão de conceitos e práticas difundidos pertinentes ao tema. Nesse ponto ganha grande importância a figura do professor como sujeito incentivador da leitura e criador de situações que propiciem a formação do hábito de leitura. Lembramos nesse momento as palavras do cronista Moacyr Scliar em sua crônica intitulada “Vinte e uma coisas que aprendi como escritor”, quando diz: “Aprendi que o ato de escrever é uma seqüela do ato de ler”. Não basta cobrar e exigir que os alunos sejam bons leitores e escrevam com graça e “maestria”, é preciso propiciar condições favoráveis a isso.

Esperamos ter contribuído com a formação da consciência crítica desses indivíduos e despertado sua atenção para com a urgente necessidade de incentivar o hábito de leitura na escola, sendo este talvez, o ambiente onde os alunos têm

acesso a textos escritos, isto é, material para leitura, uma vez que a mídia e os meios de comunicação de massa como a TV e a internet têm competido diretamente com a atividade de leitura, sendo em alguns casos mais atrativos que esta.

Portanto, vale salientar mais uma vez que se faz necessário e urgente, que a escola e os profissionais que a compõem, sobretudo, os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, revisem seu conceito de leitura e reflitam sobre suas práticas, adequando seus métodos e metodologias para a necessidade de se formar leitores autônomos e competentes, uma vez que a sociedade vigente assim exige.

## REFERÊNCIAS

ALDRIGUE, A. Cristina de Souza & FARIA, M. Brito Farias. *Linguagens: Usos e reflexões*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de educação Básica. *Pró-letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem*. Ed. Revista e ampliada incluindo SAEB/PROVA BRASIL. Brasília: MEC, 2007.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção: A escritura do texto*. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CAGLIARI, Luis Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.

DALDRY, Stephen. *O leitor*. Distribuído por Imagem Filmes: 2008.

FISHER, Steven Roger. *História da Leitura*. Trad. Cláudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Em três artigos que se completam. 50 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2008.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor : Aspectos Cognitivos da Leitura*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

KOCH, Igedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

- LAJOLO, Mariza. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUIS, Antônio Filardi. *Dicionário de expressões latinas*. 2. ed. São Paulo: Atlas S. A., 2009.
- MAIA, Joseane. *Literatura na formação de Leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MARTINS, Milena Ribeiro; SILVA, Marcia Cabral da. *Experiências de leitura no contexto escolar*. In: LITERATURA: Ensino Fundamental. Ministério da Educação: Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC, 2010.
- ORLANDI, Eni Pulceni. *Discurso & Leitura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SCLIAR, Moacyr. *Vinte e uma coisas que aprendi como escritor*. IN: Blau – Jornal bimestral de literatura, Porto Alegre, n. 5, agosto de 1995.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e Realidade brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Merca do aberto, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Unidades de Leitura: Trilogia Pedagógica*. 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O professor leitor*. Artigo publicado em seu blog leitura e Ensino em 9 de outubro de 2009. Disponível em: [WWW.anj.org.br/jornaleducacao/o-professorleitor](http://WWW.anj.org.br/jornaleducacao/o-professorleitor).
- SOARES, Magda Becker. *Alfabetização e Letramento*. Belo Horizonte: Autentica 1985.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad. Claudia Schilling. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (orgs). *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2005.